

COLÓNIAS BALNEARES

— POR TIAGO LINS —

Q UEM alguma vez foi a Lisboa e passou para os lados do Campo Grande havia de ter notado antes de chegar ao formoso e extenso jardim um baldio onde avultavam umas construções semi-abandonadas. Foi, noutro tempo, o Mercado Geral de Gados.

Pois é aí, nesses terrenos incultos, que «O Século» vai pôr novamente a funcionar a saudosa e simpática Feira Popular de Lisboa, cujo produto líquido se destina a suportar os encargos com a Colónia Balnear Infantil, de S. Pedro do Estoril, de sua criação. Atinge assim «O Século» dois fins altamente meritórios: distrair, por uma importância módica, o povo da cidade e o que a ela acorre ido da província, e o de oxigenar os pulmões de milhares de crianças na sua maioria vivendo por becos e al-furjas onde o Sol passa a medo e o ar dificilmente circula.

Além disso emprega honestamente um número de pessoas que deve atingir a casa dos milhares na vigilância e conservação da Feira e nos negócios que ali correm.

Também nela se tem feito, e isso é também muito importante, a publicidade do comércio e indús-

tria nacionais e ainda o esclarecimento e propagação de muitos assuntos que interessam ao Estado e ao Município, o que no fundo converge em benefício público.

Tem «O Século» nesta sua obra um título de glória que ninguém de boa fé lhe contestará e que lhe vincula o grau de amigo do povo.

Sempre temos tido a opinião de que o melhor modo de arrecadar receitas para fins de benemerência não é o pedido directo, custoso para quem o faz e enfadonho para quem o recebe, mas por meios aliciantes que envolvam distracção. Porém, para se conseguir esse objectivo são necessários uma abnegação e uma tenacidade grandes que dificilmente se encontram e uma envergadura de trabalho que só grandes organizações bem estruturadas possuem.

Demos ao «O Século» o testemunho dos nossos louvores. Aqui, por nossa parte, lho registamos. Ninguém poderá dizer que as

(Conclui na 4.ª página)

LUZ ELÉCTRICA EM CASTRO MARIM

Celebrou-se na passada semana a escritura do contrato para o fornecimento e exploração de energia eléctrica entre a CEAL e a Câmara Municipal de Castro Marim, devendo esta vila estar totalmente electrificada em meados de Setembro do corrente ano.



Vestido e chapéu primaveris. O modelo é de castanho pintalgado de azul. Luvas pretas.

Problemas do Turismo Algarvio

PORQUE NÃO UMA POUSADA EM CACELA?

E MBORA à distância de quase quatro anos, o assunto de que hoje nos ocupamos não perdeu qualquer parcela da sua objectividade, tornando-se, pois, oportuna a nossa intervenção que se circunscreve à defesa da ideia da construção duma Pousada em Caceia Velha, na fortaleza onde está o posto da Guarda Fiscal.

Em meados de 1957 — a quando da visita ao Algarve do então Ministro do Interior, dr. Trigo de Negreiros e do sr. eng.º Leite Pinto, actual Ministro da Educação Nacional — os visitantes manifestaram o desejo de observarem o conjunto histórico dos diversos monumentos que integram o núcleo de Caceia Velha.

E tão grata foi a impressão que colheram do sítio que logo ali nasceu a ideia de poder vir a construir-se, num futuro próximo, uma Pousada. E porque não?

Aproveitar-se-ia o local do velho Forte, reedificado, sobre e com algumas paredes antigas, em 1794, sobranceiro ao Atlântico, de onde se avista toda a costa desde a Ponta de Santo António de Arenilha, até à Barra de Tavira, espalhando-se o olhar ainda mais além.

O ALGARVE NA PAISAGEM MUNDIAL

F ALAR do turismo no Algarve vai, de certo modo, entrando no campo da vulgaridade, pois que, apesar dele ter entrado nesta província há relativamente pou-

co tempo, já correram rios de tinta a seu respeito.

De facto o Algarve oferece possibilidades magníficas para estruturar um plano que atraia tanto o turista nacional como o estrangeiro.

As condições que se apresentam são das mais variadas, desde paisagens deslumbrantes, locais aprazíveis, clima inegalável, folclore variadíssimo

(Conclui na 2.ª página)

O FATALISMO na Obra de Morávia

— POR RODRIGUES PENA —

A LBERTO Morávia é, sem dúvida, no actual panorama literário universal, um dos romancistas mais bem dotados na análise das relações afectivas entre os dois sexos. Possuidor duma imaginação a todos os títulos notável, conhecedor profundo dos meios que descreve, a Morávia bem se pode aplicar com justeza a aquele princípio de Balzac, aliás imprescindível a todos os que procuram recrear a vida, sabe «meter-se na pele das personagens».

É muito possível, como muitos dos seus críticos apontam, não ser alheia na sua obra a influência do freudismo. De qualquer maneira, nas obras literárias as influências

(Conclui na 4.ª página)

NECESSITA DE ser valorizada turisticamente

A PONTA DA AREIA em Vila Real de S. António

LOCALIZADA em sítio turisticamente valioso, dada a proximidade da verdejante mata de pinheiros que orla a costa para além da praia de Monte Gordo, a Ponta da Areia, na foz do rio Guadiana, tem-se tornado num dos mais procurados locais do nosso concelho para a prática da pesca desportiva e ultimamente para a pesca submarina.

Com as ruínas da antiga cidadela de Santo António d'Arenilha parcialmente mergulhadas nas mansas e límpidas águas do Guadiana, a emprestarem ao local um aspecto encantador que atrai o turista, a Ponta da Areia, como é conhecido este magnífico local de Vila Real de Santo António, bem merece que seja olhado com mais cuidado e carinho pelas autoridades concelhias.

Possuindo já um bar moderno onde afluem inúmeros turistas e ainda um típico bar de aparência modesta mas óptimamente situado, com as águas límpidas a banharem a muralha onde assentam, pena é que ainda continue por

(Conclui na 2.ª página)



Ponta da Areia — Ruínas da antiga cidadela de Santo António d'Arenilha

A "Casa do Algarve"

prestou significativa homenagem ao sr. Major Mateus Moreno a quem foi entregue o diploma de Presidente Honorário

A NOSSA prestigiantes colectividade regionalista em Lisboa, sob a presidência do sr. conselheiro dr. Sousa Carvalho, presidente da Assembleia

Geral, homenageou, no passado domingo, o dedicadíssimo presidente da direcção, agora afastado, por assim o ter desejado, das actividades do referido cargo, sr. major Mateus Martins Moreno.

Na mesa de honra, além do homenageado e de sua esposa, sr.ª D. Rosária Fernandes Salgado Moreno, sentaram-se as seguintes figuras algarvias e amigas do festejado: juiz conselheiro João Bernardino de Sousa Carvalho, dr.ª Maria Odete Leonardo da Fonseca, coronel Sousa Rosal, sr.ª de Libânio Correia, general Leonel Vieira, sr.ª D. Maria da Luz de Deus Ramos Ponce Carvalho e dr. António Ferreira de Almeida, presidente honorário da Assembleia Geral da agremiação regionalista.

Em lugares de destaque, vimos ainda as seguintes sr.ªs e srs.: Humberto Pacheco e esposa, dr. Maurício Serafim Monteiro, vice-presidente da direcção em exercício e sua esposa D. Isabel Seita Monteiro, António Libânio Correia, presidente do Conselho Fiscal; dr.ª D. Maria João do Paço Pontes, dr. Alberto Iria, dr. Jaime Lopes Dias, dr. Guerreiro Murta,

(Conclui na 3.ª página)

PROBLEMAS ALGARVIOS

O JARDIM-ESCOLA JOÃO DE DEUS EM FARO

C OMO algarvio, herança que muito me prezo ter recebido dos meus pais, não podia, ainda que quisesse, deixar passar em claro o toque de clarim do sr. Luís Sebastião Peres, publicado no n.º 392 deste semanário sob o título *Problemas Algarvios — O Jardim-Escola João de Deus*, a construir em Faro. É uma dívida de grande vulto, uma dívida de gratidão que já há muito tempo deveria ter sido paga por todos os algarvios, por aqueles que se orgulham de ter tido como berço, este jardim à beira-mar plantado, no dizer dos poetas de antanho e mesmo de milhares de estrangeiros que visitam este país do sul!

E ao dizer «Presente!» não me envolve o manto da vaidade, mas unicamente o meu sentir de homem que, como filho do Algarve, mesmo desligado dos sectores influenciados nas coisas desta

(Conclui na 4.ª página)

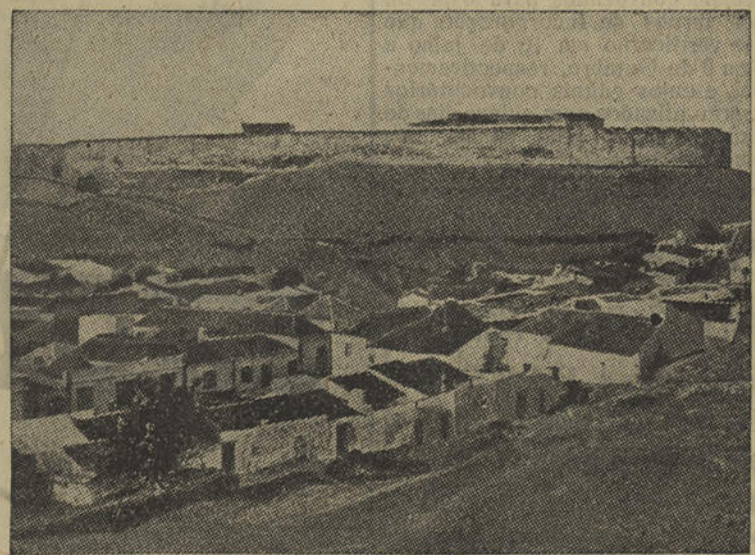
NOVA CARREIRA DE CAMIONAGEM NOS ARREDORES DE LAGOS

Uma firma de camionagem com sede em Vila Fresca de Azeitão, requereu à Direcção-Geral dos Transportes Terrestres, licença para a exploração de uma carreira regular de camionagem para transporte de passageiros, entre o Forte da Meia Praia e Lagos, passando pelo sítio do Calvário.

O SENHOR GOVERNADOR CIVIL DE FARO visitou CASTRO MARIM

C O M o fim de verificar o estado em que ficou a Igreja de N. Senhora dos Mártires, destruída, como oportunamente infor-

mámos, por um violento incêndio, esteve na passada segunda-feira, 20 do corrente, em Castro Marim o sr. Governador Civil de Faro,



dr. António Baptista Coelho, acompanhado do sr. dr. José Ascenso, presidente da comissão distrital da União Nacional.

Os visitantes eram aguardados nos Paços do Concelho pelos srs. presidente da Câmara Municipal, pároco

(Conclui na 4.ª página)

Instalações da Guarda Fiscal em VILA REAL S. ANTÓNIO

D ERANTE a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, está aberto concurso público para arrematação da empreitada de obras de beneficiação e reparação do quartel da Companhia, Secção e Posto da Guarda Fiscal de Vila Real de Santo António.

A base de licitação está fixada em 909.400\$00 e o depósito provisorio é de 22.736\$00. O concurso efectua-se no próximo dia 31 e o respectivo processo encontra-se patente na Delegação das Obras de Edifícios de Cadeias, das Guardas Republicana e Fiscal e das Alfândegas, em Lisboa, e na Direcção dos Edifícios do Sul, em Évora.

NOTÍCIAS DE PADERNE

ENCONTRAM-SE quase concluídas as obras de alargamento da ponte sobre a ribeira do Algibre, obra esta de grande importância, pelo numeroso tráfego que circula nessa estrada.

Entrou-se na 2.ª fase de construção dos acessos às escolas primárias, obras levadas a efeito pela Junta de Freguesia.

Pena é que não possa ficar desde já toda concluída, porque ainda se torna necessário demolir um velho prédio que se encontra à entrada, junto ao posto da G. N. R.

Foi recebida com grande júbilo a chuva que começou a cair no passado domingo, pois havia mais de três meses que não chovia, e estavam quase perdidas todas as culturas.

Como Paderne, é essencialmente uma freguesia agrícola, tal seca, a prolongar-se, traria as mais graves consequências para proprietários e trabalhadores.

Dentro em breve começará a funcionar o Cine Padernense, onde se está a proceder à cobertura, pois este somente funcionava como esplanada. Depois de concluídas todas as obras, ficará esta localidade com uma excelente casa de espectáculos.

No passado domingo, dia 14 do corrente, tomou posse da paróquia de São Lourenço de Almanzil, o reverendo padre António Inácio, figura muito conceituada e professor de inegualáveis qualidades.

A posse da nova paróquia, foi concedida pelos padres dr. Clementino e Rita assistindo muitas centenas de paroquianos e muitos amigos, sendo digno de nota a presença de mais duma centena das mais altas personalidades de S. Brás de Alportel, que se deslocaram propositadamente e assim vieram testemunhar-lhe a gratidão e amizade, pelos seus vinte anos como padre da freguesia.

A igreja, riquíssima obra arquitectónica, foi pequena para albergar tão elevado número de fiéis. Estiveram também presentes os bombeiros voluntários de S. Brás de Alportel, com o seu comandante, os quais deram grande brilho à cerimónia, fazendo a guarda de honra na Capela-mór. De realçar, que este pároco foi dos mais dedicados colaboradores da Corporação, tendo-lhe sido imposta uma das mais altas condecorações.

Profundamente comovido, o sr. padre António Inácio fez uma brilhante alocução aos seus novos paroquianos e agradeceu sensibilizado a presença dos seus amigos de S. Brás de Alportel, que ainda o não esqueceram.

Paderne sente-se orgulhosa deste seu ilustre filho. — C.

O ALGARVE NA PAISAGEM MUNDIAL

(Conclusão da 1.ª página)

simo, arquitectura notável, enfim, um nunca mais acabar de possibilidades naturais que, auxiliadas por uma obra turística adequada, como seja: a construção de uma sede hoteleira à altura das devidas necessidades, alargamento de estradas, construção da projectada auto-estrada marginal, e o incremento de uma melhor rede ferroviária que, de certo modo, está-se tornando deficitária dia a dia. A fu-

UM BENEMÉRITO

DOOU AO MUNICÍPIO DE CASTRO MARIM TERRENO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM BAIRRO PARA TRABALHADORES

O sr. João Celorico Drago doou à Câmara Municipal de Castro Marim, uma importante parte de terreno para construção de um bairro de casas económicas para trabalhadores. Na primeira fase da construção serão edificadas dez moradias e outras tantas na segunda, ao abrigo da Lei n.º 2092 pela Federação das Caixas de Previdência. O estudo do projecto para o novo bairro está a cargo do sr. arquitecto Francisco Modesto.

No mesmo local, o sr. José Afonso Henriques adquiriu uma parcela de terreno com quatrocentos metros quadrados para a construção do novo edifício dos C. T. T., cuja falta de há muito se faz sentir.

Novos Postos DO CORREIO

FORAM criados postos de correio, de 2.ª classe, nos sítios de Corte Pequena e de Vale de Pereiro, da freguesia de Odeleite, concelho de Castro Marim, e de 3.ª classe no sítio de Cabeça de Água, freguesia de Boliqueime, concelho de Loulé.

Também foi elevado a posto do correio, telégrafo e telefone, o posto do correio de 1.ª classe e o posto telefónico público de Pera, freguesia de Pera, concelho de Silves, e foi superiormente determinado que o posto telefónico público de Ribeira do Arade, do mesmo concelho, passe a designar-se pelo nome de Manteigas (Silves).

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

INCORPORAÇÃO DE RECRUTAS

PELO Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 4 foram mandados afixar, nos locais do costume, os editais convocatórios dos recrutas a incorporar de 9 a 11 de Abril próximo (2.º turno de incorporação de 1961), com destino aos Centros de Instrução Básica, que funcionam nas seguintes unidades: Regimento de Infantaria n.º 5 — Beja; n.º 5 — Caldas da Rainha; n.º 10 — Aveiro; Batalhões de Caçadores n.º 5 — Lisboa; n.º 6 — Castelo Branco; n.º 8 — Elvas; n.º 10 — Chaves; e Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa — Queluz.

Aqueles que não constem destes editais deverão aguardar que sejam convocados para o 3.º ou 4.º turnos de incorporação, que se verificarão em 10 de Julho e em 9 de Outubro, respectivamente, e cujos editais convocatórios serão afixados com quinze dias de antecedência, pelo menos, nos mesmos locais.

tura ponte sobre o Tejo já será de um valor incalculável, assim como o aeroporto, que se prevê como uma realidade num futuro muito próximo, obras estas que serão factores impulsivos do Algarve de amanhã.

Naturalmente, como em tudo o que é grande, encontram-se enormes dificuldades, principalmente no campo económico, dificuldades essas que têm de certo modo ser solucionadas o mais rapidamente possível, pois que, apesar das grandes condições favoráveis ao desenvolvimento turístico, a nossa província não passa ainda de uma fraca amostra, em comparação com o que se vê não só em qualquer outra nação, como, também, no nosso próprio país, em lugares com muito menos condições naturais.

Foi, na verdade, já um pouco tarde que a indústria turística começou a desenvolver-se neste país do sul, o que obriga todo o algarvio a dispor das suas melhores faculdades em prol deste indispensável desenvolvimento.

Dia a dia a valorização turística algarvia aumenta, tanto no campo da iniciativa particular como, também, no oficial.

A entrada do turismo no Algarve, foi como que uma descoberta para essa indústria, que encontra aqui condições excepcionais para uma fonte de receita inesgotável e sem empecilhos climatéricos e outros para o seu natural desenvolvimento. O povo algarvio vivia como que uma vida à parte de todo o mundo que o rodeava, deleitando-se quase egoisticamente no seu paraíso, antes de se ver lado a lado com pessoas das mais variadas nacionalidades que agora, em qualquer altura do ano, entram pelo Algarve com a naturalidade de quem conhece mundo, hábitos e costumes dos mais diversos, sem condescendência pelos sedentários. Eles vêm curiosos, tudo de revoltando, espreitando, descobrindo e ao mesmo tempo mostrando grande admiração.

No entanto, todo aquele que se preze de ser algarvio, sente, ao vê-los, como que uma alegria interior, como que o prazer de ver esses estranhos admirarem e elogiarem tanto a sua terra, sendo esse um grande e natural orgulho. Por isso e pelo mais, todo algarvio deve empenhar-se em ajudar a melhorar a sua província, chamando, desta forma, o Algarve a desempenhar um lugar condigno no turismo mundial.

Oscar Laginha

VACINAÇÃO CONTRA A VARIOLA

Atendendo a um apelo recentemente divulgado através da Imprensa pela Direcção-Geral de Saúde, chama-se a atenção do público para a conveniência de que toda a população se vacine ou revacine contra a variola e informa-se que a referida vacinação ou revacinação pode ser feita na Delegação de Saúde Distrital ou em qualquer subdelegação de Saúde concelhia, todos os dias úteis, durante as horas normais de funcionamento.

No sentido de se evitarem dificuldades na passagem da fronteira, elucida-se que aquela vacinação ou revacinação oferece especial interesse para todas as pessoas que normalmente se deslocam a Espanha.

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que a firma **Manuel da Silva Pena & Irmão, Lda.** requereu licença para instalar uma oficina de carpintaria mecânica e estância de madeira, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, situada na Rua da Princesa, n.º 7 e Rua do Brasil, n.º 20, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 14 de Março de 1961.

O Eng.º Chefe da Circunscrição José António da S. Graça Martins

« NOTÍCIAS DO ALGARVE »
VENDE-SE EM LISBOA
na Tabacaria Antunes & C.º
Av. Almirante Reis, 22-C
(aos Anjos)

PRIMAVERA TEMPESTUOSA

UMA VIOLENTA TROMBA DE ÁGUA DESTRUÍU VÁRIOS BARCOS, NA FUSETA

Em 20 do corrente, um temporal caiu sobre esta região, depois de uma noite de chuva torrencial. Os relâmpagos, os trovões e também a falta de energia eléctrica assustaram a população. Formou-se uma tromba de água, perto da barra, que causou pânico e destruição nas redondezas.

A tromba de água avançou na direcção Sul-Norte, deixando um monte de destroços por onde passou. Perto do Livramento ergueu a grande altura várias embarcações, que ficaram totalmente destruídas. Os barcos perdidos têm as matrículas FZ-145C, pertencente ao sr. Ilídio Cabaço; FZ-340C, do sr. Gaspar Luís Júnior; FZ-335C, do sr. Joaquim Julho Patarata;

FZ-337C, do sr. Celestino Rodrigues; todos registados na delegação marítima da Fuseta, e ainda o barco O-838-L, registado na capitania do porto de Olhão. A embarcação FZ-335C percorreu, pelo ar, cerca de 300 metros, indo cair com fragor perto da moradia do sr. Raul Manuel dos Anjos, deixando uma parede danificada. Não se verificaram desastres pessoais.

Para ali se dirigiram o capitão do porto de Olhão, sr. Carlos Pacheco; o delegado marítimo da Fuseta, sr. José Brás; o cabo-de-mar, sr. Jorge Santana e outras entidades.

Na Fuseta ninguém se recorda de um caso semelhante.

Dentro de um círculo DE LUZ

DE um folheto turístico da Suíça tirei a legenda que acompanhava uma lindíssima fotografia da paisagem dessa pequena-grande nação.

Um jarro de vinho bem apaladado e um cachimbo, no jardim de uma pousada à beira do lago.

Carlos olhou a fotografia durante muito tempo. Tudo nela representava beleza e tranquilidade!

Além do jarro de vinho e do cachimbo, havia também um copo, uma lata azul de tabaco e uma caixa de fósforos.

— Perdão... Carlos não tinha a certeza de que existissem fósforos dentro da caixa, mas ela levava tósforos.

Era bem simples, nada tinha de especial à primeira vista. Umas letras que não se percebiam, mas era tão alegre com a sua cor amarelinha, aliás como todas as outras cores da fotografia.

No copo um vinho cor de ouro, no jarro também.

Um cachimbo um tabaco queimado, escurinho.

Carlos sentiu-se transportar pelos caminhos da imaginação.

A sombra da velha árvore move-se sobre o tempo da mesa, muito ao de leve. Está uma temperatura agradável. Como essa cadeira é cómoda.

— Ahhh!!!

Depois de se recostar, as pernas cruzadas, preguiçosas, o turista tira duas cachimbadas, fumo em argolas que se dilue no ar. Levanta o braço e com ele o copo do maravilhoso vinho. Duas gotadas deslizam na garganta, tal como um parzinho de esquiladores escorregam, velozes, ali em baixo, no lago.

O contraste é bonito e chocante ao mesmo tempo. A espuma branca levantada pela lancha automóvel e o azul tranquilo da paisagem. A placidez do «mar» alpino e a irrequietude, demasiado veloz, do par desportista.

Mas aqui, respirando este ar puro e gosando esta beleza, tudo se nos afigura bem, até os extremos, o velho e o novo.

O braço um pouco entorpecido pela má posição, fá-lo desviar a vista. Uns quantos movimentos rápidos, para activar a circulação, e tudo volta à normalidade. Torna a pousar o braço sobre a mesa, desta vez numa posição mais cómoda. Seus dedos roçam agora em qualquer obstáculo e olha.

— Ah! É a mesa, na qual ainda não tinha reparado com a devida atenção. E que aspecto tão velho! Tanto como o desta velha pousada. Terão nascido na mesma altura? Quem poderá dizê-lo?

Tudo ali é velho — apesar de novo — menos as pessoas. Essas têm um sorriso e um ar de bondade, que as torna sempre jovens até ao fim da vida. No entanto...

VALORIZAÇÃO TURÍSTICA DA PONTA DA AREIA

CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA

arranjar o varandim que circunda a entrada da praia, que ruíu no ano passado e apresenta um verdadeiro aspecto de abandono que em nada abona as magníficas qualidades turísticas do local.

As autoridades concelhias pedimos a reparação do varandim, agora que os turistas já afluem ao local e que se proceda na medida do possível ao saneamento da entrada da praia, e o acesso às ruínas, óptimo local para a prática da pesca desportiva.

tanto, se a fantasia entressa agora em cena, a mesa poder-nos-ia contar alguma coisa, mesmo muita coisa. O que não poderá dizer esta encarquilhada mesa? Junto dela sentaram-se, pela certa, gente de meio mundo. Homens e mulheres, flosófos e amorosos, velhos e jovens. A mesa e a sombra que se projecta nela são duas velhas comadres. E quantas partidas não terão feito? As suas principais vítimas têm sido os jovens e os amorosos? Certamente, certamente...

Da porta, sempre aberta, da velha pousada sai uma mulher forte e sábia. Um braço esguio levanta na mão uma bandeja. A outra mão coloca primeiro o jarro, depois os copos. Ao redor da mesa bebe-se o vinho que vai aquecer os corações e uns olhos prendem-se noutros olhos maliciosos.

Uns baixam-se... de timidez? Os outros seguem-nos, com emoção.

Em volta tudo é belo, tudo é belo.

Uma mão quebra o pé de uma flor, do canteiro que fica perto, e tudo está feito.

E assim a velha mesa e a velha árvore, silenciosas, «vêm» os jovens correr e desaparecer, pelo tempo fora...

Mas é impossível a velha mesa e a velha árvore contarem tudo o que viram através dos tempos. Teríamos de entrar num mundo de fantasia e isso não fazemos quando tudo o que nos rodeia parece real, por aqui tudo é real, mesmo que nos pareça fantasia.

Mais cachimbadas e mais argolas de fumo são tiradas deste velho companheiro, que, neste vale perto do lago e entre as montanhas, como que simboliza a Paz, essa Paz ambicionada por tantos, essa Paz que, afinal, até agora não tem passado de uma miragem. Aqui, num maravilhoso oásis, resguardado entre muralhas de granito e neve, a Paz concretiza-se, é real.

Através deste novo fumo, que se desfaz, novas paisagens vão aparecendo. A mão de um artista, o mais sábio de todos, trouxe-as do nada, da fantasia, dando-lhes forma, cor e vida.

A porta do quarto abre-se, de mansinho. É noite, já, e a casa dorme. Sobre a mesa de trabalho um círculo de luz e dentro dele vários folhetos de turismo.

— Eh pá, acorda!

Carlos abre os olhos, em sobressalto.

— Quantas vezes te tenho dito que não quero que venhas mexer nas minhas coisas? Vá, levanta-te, põe-te a andar e não faças barulho, que já é tarde.

A porta do quarto fecha-se, de mansinho. O irmão mais velho olha a fotografia e lê a legenda:

Um jarro de vinho bem apaladado e um cachimbo, no jardim de uma pousada à beira do lago. E fica a pensar...

Veríssimo Ninguéns

CINE-FOZ

de Vila Real de Santo António

Hoje, apresenta OS IRMÃOS KARAMAZOV, com Yul Brinner e Maria Schel.

Terça-feira, 28 do corrente, em técnico FUGA DESSESPERADA, com Richard Widmark, Lee J. Cobb e Tina Louise.

Actividade profissional somente sem dores.

Contra dores de cabeça constipações reumatismo

ASPIRINA
Há mais de 60 anos ASPIRINA e BAYER familiares a todos.

VIAJANTE
Oferece-se: — Algarve e Baixo Alentejo
Conhecendo os seguintes RAMOS: Quinquelharias, Bijutarias, Artigos de Menaje, Plásticos, Malhas e Miudesas. Carta de ligeiros. Resposta a este Jornal ao n.º 75

Tipografia SOCORRO Os mais modernos estabelecimentos gráficos do Sul do País — Telef. 59 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

GASOSA
JAGUAR

DESPORTO

FUTEBOL PARTICULAR

S. C. FARENSE, 1-S. C. de PORTUGAL, 2

Aproveitando mais uma interrupção dos campeonatos nacionais, o Sporting Clube de Portugal deslocou-se a Faro para disputar uma partida de futebol com o seu filiado, S. C. Farense.

Jogo disputado no Estádio Municipal de S. Luís, que registou boa enchente; árbitro o sr. Pinto Coelho, de Faro.

Os grupos alinharam:

FARENSE — Filhó; Reina, José Maria e Bento; Sosa e Dias; Gaivéu, Ângelo, José Bento, Atraca e Queimado.

No segundo tempo, aos 35 minutos, Júlio e Florindo substituíram respectivamente Gaivéu e Ângelo.

SPORTING — Aníbal; Moraes, Lúcio e Hilário; Casaca e Alexandre Baptista; Monteiro, Figueiredo, Vadinho, Aleixo e Seminário.

No segundo tempo, aos 30 minutos, Alexandre e Géio substituíram Lúcio e Aleixo.

Durante os 45 minutos iniciais só se registou um gol; na sequência dum canto, apontado por Seminário, Monteiro endossou a bola a Vadinho que rematou quando Filhó saía da baliza; a bola ainda bateu em Reina, mas entrou. Eram decorridos 25 minutos. Durante o restante tempo da primeira parte, o Farense foi mais perigoso mas Aníbal, seguro, teve defesas de classe.

Depois do intervalo, os farenenses atacaram insistentemente, conseguindo dar animação à partida, e quando era de esperar o tento da igualdade, conseguiu o Sporting, contra a corrente do jogo, o 2.º gol. Num contra-ataque rápido, Seminário finitou dois adversários e passou a Monteiro que atirou fortíssimo, sem possibilidades de defesa para Filhó.

A equipa local não sentiu o golpe, e ainda empregou mais vontade e rapidez nos movimentos ofensivos, conseguindo o seu único tento no último minuto da partida; Alexandre, que substituiu Lúcio, carregou irregularmente Florindo na grande área, sendo punido com livre indirecto. Reina, com um

remate fortíssimo, introduziu a bola na baliza de Aníbal.

Havia natural expectativa pela visita do Sporting a Faro, porque este clube poucas vezes tem conseguido resultados favoráveis, aqui, e ainda porque desta vez deslocava todas as suas estrelas, como Aníbal, Lúcio, Hilário, Géio e Seminário. Mas a partida não teve o nível que se esperava, notando-se muita desarticulação no Sporting e ineficácia do Farense na zona de remate.

Como a redimir-se dos fracos jogos ultimamente realizados, o Farense impôs uma toada de futebol prático com rápidas permutas de bola que muitas vezes enlearam a defesa e meia defesa leonina; no entanto, os pupillos de Otto Glória, mesmo sem jogarem bem, mercê da sua melhor técnica, criavam sucessivas situações de perigo para os farenenses, onde a sua defesa se mostrava segura, em especial José Maria e Bento.

Seminário foi muitas vezes solicitado pelos companheiros, mas nem sempre mostrou a categoria de que está rotulado; sendo, na linha avançada, Monteiro o jogador que melhor impressão causou.

A equipa local deu preciosas indicações, quanto à possibilidade de entrar na 1.ª Divisão.

Os jogadores mais em evidência, no Farense, foram; Bento, José Maria, Sosa, o melhor em campo, e Queimado.

No Sporting, Aníbal, Lúcio, Hilário e Monteiro.

A arbitragem do sr. Pinto Coelho foi demasiado irregular, não tendo pulso para dirigir a partida, tendo um erro de monta perdoando uma grande penalidade ao Sporting.

Arménio Martins

NÃO HESITE
Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos
PREFIRA A
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
Telefone 59 Apartado 3
Vila Real de Santo António

VENDEM-SE

Máquina Universal — com motor eléct. 4 cv. para serrar, aplainar, furar e topiar madeira. Outra máquina pequena para furar, serrar e podendo adaptar-se esmeril — com motor de 1 cv. monofásico

Para outras informações dirija-se a **JOSÉ FRANCISCO CLEMENTE** — R. Sá de Miranda — LOULÉ

TINTAS EXCELSIOR



NA CONSTRUÇÃO NAVAL PORTUGUESA

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

Porque não uma Pousada EM CACELA?

(Conclusão da 1.ª página)

visitar o miradouro da Fortaleza de Cacela.

A ideia, naquele tempo, corporizou-se, ganhou vulto, a pontos de aquele local se terem deslocado dois funcionários superiores do Secretariado Nacional da Informação, a fim de colher «in loco» elementos que pudessem habilitar esse departamento estadual a encarar a sério a construção da Pousada.

Depois, tudo silenciou em volta do assunto, não se falando mais nisso.

A Junta de Turismo da Praia da Manta Rota, que nós soubéssemos, não procurou explorar o ambiente que se criou à volta de tão útil melhoramento e que, a concretizar-se, traria novos rumos e alentos para a sua zona turística.

Perdeu-se, naquela ocasião, a oportunidade de promover-se um movimento pró-Pousada de Cacela, o que não quer dizer que se tenham perdido todas as esperanças de se conseguir.

É questão da Junta de Turismo de Cacela pôr já em acção toda a sua boa vontade e prestígio, influindo quem de direito na necessidade-conveniência da construção da Pousada—que seria mais uma, e a primeira nesta extremidade do Algarve, às portas da fronteira—invocando fortes motivos—e tantos eles são—para que esta zona sotaventina algarvia fosse beneficiada de tal melhoramento.

Para Tavira, que está a incrementar o turismo no seu concelho, chamando à velha e fidalga cidade de D. Paio, os turistas nacionais e estrangeiros, que não possuem hotéis ou pensões de luxo, a Pousada de Cacela serviria às maravilhas, servindo o turismo no Sotavento algarvio, pois devido à sua localização—uma varanda sobre o Atlântico—a sua construção não se tornaria tão dispendiosa, dadas as obras de adaptação e ampliação da Fortaleza, tornando-se num dos mais belos miradouros do Algarve.

Perguntar-se-ia: para onde iria o posto da Guarda Fiscal ali existente?

O assunto seria resolvido dentro do Plano das Construções que o Ministério das Finanças vem executando pelo País fora, dotando as zonas fiscais com novos quarteis e postos; e, assim, era natural que fosse edificado um posto da Guarda Fiscal na mesma zona, em condições higiénicas e de habitação, com os requisitos modernos e próprios para servir mais eficazmente os fins a que obedecem.

Uma Pousada naquele velho forte, que foi solar de gente esclarecida nos tempos distantes da Mourama e do Crescente, é um sítio que oferece todos os requisitos para repouso daqueles que,

durante o ano, procuram conhecer as nossas belezas turísticas e panorâmicas.

Que maravilhoso espectáculo a Fortaleza nos oferece das suas muralhas! O nosso olhar, espraiando-se pela enorme faixa azul-verde-branca, do mar e da praia, vai até aos contrafortes da serra algarvia, mesclada de azul-verdoso-acastanhado! São momentos que infundem calma meditação e nos trazem ao pensamento vários séculos de História!

Foi ali, naquela Fortaleza, nesta ponta sul do Algarve, que as gentes de Sant'ago, mirando-se sobre o mar em perpétuo desafio das guerrilhas infiéis, tornou Cacela lugar sagrado da reconquista cristã no Algarve, votada ao abandono! Hoje, guardada por escassa meia dúzia de soldados da Guarda Fiscal, está como que votada ao ostracismo.

Não guardemos para amanhã, o que hoje se pode fazer! Mãos à obra, senhores da Junta de Turismo de Cacela!

Tentemos conquistar para este Castelo uma destas muito úteis e apreciáveis instalações de turismo e repouso que o S. N. I. vem edificando pelo País, que são as Pousadas.

Luís Sebastião Peres

ARCO DA VELHA UM NOVO CINEMA EM SILVES

UM PALÁCIO DO REI SALOMÃO?

Foi descoberto em Tel-el-Kadi, durante umas escavações arqueológicas que ali estão sendo feitas, um palácio que se supõe ter sido construído pelo Rei Salomão, o terceiro Rei de Israel.

Tel-el-Kadi fica no extremo norte do estado de Israel.

Diversos fragmentos destas descobertas foram enviados para Jerusalém com o fim de serem submetidos a diversos estudos. Se se confirmar que pertencem ao período do Rei Salomão isso terá enorme interesse, pois provaria que se trata da construção mais ao norte de Israel no reinado de Salomão.

O reactor da central electo-nuclear EDF I, cuja construção está em vias de acabamento perto de Chimon, será abrigado por uma esfera metálica de uma altura tal que poderia conter o Arco de Triunfo, de Paris, ou a Estátua da Liberdade, de Nova-Iorque. É a mais vasta construção esférica do mundo inteiro, pois o seu diâmetro atingirá 55 metros (o Arco de Triunfo tem 50 metros de altura e a Estátua da Liberdade 46).

DENTE FOSSILIZADO

com um milhão de anos!

Foi encontrado, perto de Kyrenia, a vinte quilómetros a norte de Nicósia, o dente fossilizado de um elefante pigmeu que pode ter tido um milhão de anos.

Segundo os cientistas do Instituto Geológico Nacional, o dente pertenceu a um animal cujo nome científico é «Palaeoloxodon Cypriotes» devendo ter cerca de um milhão de anos.

A 'CASA DO ALGARVE' PRESTOU HOMENAGEM AO SR. MAJOR MATEUS MORENO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

representante da Sociedade de Geografia de Lisboa; D. Raquel da Graça Mira, dr. Sousa Carrusca, presidente do Concelho Regional, a pintora D. Maria Alexandrina Paletti Berger, eng.º coronel Sande Lemos, dr.ª Maria Amélia Machado Santos, dr. Quirino dos Santos Mealha, D. Ester Neves Franco e Hermenegildo Neves Franco, presidente da Comissão de Propaganda e Turismo, José Raul da Graça Mira, dr. Ascensão Contreiras e escritora Maria Dimbla.

Depois, seguiam-se os restantes convívios em número de cem, onde se encontravam representadas pelos seus directores, as seguintes casas regionais: Casas das Beiras, Comarca da Sertã, Casa de Gouveia, Casa do Alentejo, Casa do Ribatejo, Casa de Lafões e da Comarca de Arganil, Casa do Concelho de Ferreira do Zézere e dos Tabuenses, todas com os seus estandartes.

Ambiente de puro e são regionalismo, aquele que naquele dia se viveu na Casa do Algarve, onde se encontrava o que de mais representativo existe no regionalismo na capital, a testemunhar ao lídimo e dedicado regionalista major Mateus Moreno, o muito apreço e admiração pelas suas altas e nobres qualidades de militar, de algarvio e de português.

Bem o merece, pois durante 32 anos à frente da Casa Regional da sua e nossa Província, deu-se a essa tarefa de corpo e alma, prestando inestimáveis serviços à pátria de João de Deus e Júlio Dantas. Serviu, ininterruptamente, nove anos na presidência da direcção, pelo que lhe foi conferido o merecido título de seu Presidente Honorário.

Pelo dedicado secretário da direcção sr. Neves Franco, foi lido numeroso expediente de cartões, cartas e telegramas dirigido ao homenageado, dentre os quais se viam os dos seguintes srs.: dr. António Baptista Coelho, Governador Civil de Faro, dr. Júlio Dantas, presidente honorário da Academia de Ciências, eng.º Sebastião Ramirez, juiz desembargador dr. Luís Pinto, do Porto, do Museu de Lagos, jornalista Julião Quintinha, João Trigueiros, de Olhão, dr. Ferreira Deusdado, dr. Mário Lyster Franco, director do «Correio do Sul», de Faro; dr. Jaime Rua, director de «A Voz de Loulé», coronel Costa Pereira, Casa do Minho, Casa do Alentejo, dr. Graça Mira, de Faro; dr. Joaquim Rita da Palma, de Faro, Casa de Moçambique, Joaquim de Sousa Piscarreta, de Lagos, do grupo Tábuia Rasa, Bartolomeu Guerreiro, jornalista Cristiano Lima, coroneis Castilho e Lara, capitão Pompílio da Cruz, de Sagres, capitão Joaquim Santos Farrajota, Virgílio Gascon de Campos, Francisco Arcanjo, de Olhão, Raul de

Bivar Weinhotz, poeta Ramiro Guedes Campos, Moreira Lopes, de Vila Nova de Ourém, juiz Pinto Ribeiro e José Ramos Formosinho, de Lagos.

Seguidamente iniciaram-se os brindes, nos quais os oradores teceram justos elogios ao sr. major Mateus Moreno, pondo em relevo os seus méritos de escritor, a sua acção dentro da Casa do Algarve e no regionalismo nacional, não esquecendo a sua estadia em Angola, nas fileiras do Exército e a sua actividade pedagógica e de poeta.

Em primeiro lugar usou da palavra o sr. dr. Maurício Monteiro, presidente da direcção da Casa do Algarve, que leu o «curriculum vitae» do homenageado. Depois, o sr. José António Madeira propoz que fosse publicado, pela Casa do Algarve, o «curriculum vitae» do homenageado, voto que os presentes aplaudiram.

Falou a seguir o sr. Neves Franco para, em dada altura, afirmar: «Neste almoço, porém, dedicado ao sr. major Mateus Moreno podemos estar todos de bem com a nossa consciência. Os que aqui vieram — e quantos mais não desejariam ter vindo! — os que aqui estão, podemos afirmá-lo sem qualquer vislumbre de dúvida, vieram pela amizade, pelo coração, vieram conquistados pela nobreza do seu carácter, pela simplicidade da sua alma, pelo valor do seu talento e, acima de tudo, posso reafirmá-lo, por uma das suas mais preciosas virtudes — já tão raras na hora que a Humanidade atravessa — pela lealdade dos seus sentimentos».

Depois referiu-se à actividade regionalista do homenageado e à sua elevada acção na casa regionalista algarvia, que se traduz num belo e nobre combate pelo Algarve. Ergueu a sua taça pelas felicidades pessoais do sr. major Mateus Moreno e de sua esposa, a quem foi oferecido um lindo ramo de flores. Foi no final muito ovacionado.

Falaram, depois o sr. dr. Jaime Lopes Dias, o patriarca do regionalismo, dr.ª D. Maria Odete Leonardo Fonseca que declamou ver-

Um sorteio a favor DA NOVA SEDE DO CLUBE MARÍTIMO ARMACENENSE

A Comissão Administrativa do Clube Marítimo Armacenense, com sede em Armação de Pera, foi superiormente autorizada, pelo sr. Ministro do Interior, a realizar, em 7 de Setembro do corrente ano, um sorteio cujo produto se destina à aquisição de um prédio para instalação da sede da referida colectividade.

ESTÁ em vias de inauguração o novo edifício para o cinema da cidade de Silves, de linhas modernas, elegantes, que certamente irá satisfazer as necessidades dos frequentadores de cinema da velha cidade-capital do reino do Algarve.

Esta realização, devida a um grupo de entusiastas silvesenses, teve sempre a animação da vontade e o esforço do industrial sr. José Matos.

Entretanto, com mais este belo melhoramento para a cidade, surge um problema, que é o do trânsito difícil e impróprio nas redondezas tanto do cinema como da estação dos C. T. T. Seria bom que quem de direito providenciasse no sentido de que fosse aberto e ajardinado, se possível, um pequeno largo indispensável para a necessária arrumação de carros e beleza desse local citadino.

GAGUEZ

Podeis dominá-la pela reeducação da voz. Reeduquem-se estudantes em quaisquer fêrias.

E. de Belles Leiria — R. Álvaro Coutinho, 50, 3.º (telef. 41500)—LISBOA-1.

A COR DO LUTO, NA SÍRIA

A cor do luto na Síria, é o azul. Azul-celeste significa a cor do céu, que é o lugar do eterno descanso.

Entre duas coisas que nos são queridas, a amizade e a verdade, é um dever sagrado a preferência à verdade.

Aristóteles

dos do homenageado, dr. Amadeu Ferreira de Almeida, juiz conselheiro Sousa Carvalho, que fez entrega ao sr. major Mateus Moreno do diploma de Presidente Honorário da Direcção, momento que a assistência coroou com quente ovação; general Santos Correia e drs.: Virgílio Passos, Alberto Iria, Humberto Pacheco, Júlio Gonçalves, e os presidentes das casas regionais que ali se encontravam, e ainda Alberto de Sousa Oliva, Arnaldo Martins de Brito, presidente da comissão de festas da Casa do Algarve, e Jerónimo Gregório Marcos.

Por fim falou o homenageado que agradeceu as palavras que lhe dirigiram e fez a história da Casa do Algarve. Louvou as antigas direcções, renovando os agradecimentos da homenagem vinda de tantos algarvios, a que se juntaram tantos amigos, que era mais uma prova de amizade que guardaria muito fundo no seu coração de algarvio e que jamais esquecerá.

Em seguida, no gabinete da direcção, foi, por sua esposa, descerado um medalhão do homenageado, da autoria do escultor Raul Xavier, acto que os presentes sublinharam com estrondosa ovação.

Entre a assistência, vimos muitas senhoras do que de mais distinto tem a colónia algarvia, na capital.

O bairrismo e o regionalismo são grandes sentimentos da pessoa humana; e porque assim é, ao almoço de homenagem do lídimo e prestigioso algarvio sr. major Mateus Moreno, um dos grandes obreiros do regionalismo português, foram muitas dezenas de regionalistas de vários pontos do País, confraternizar e dizer-lhe, muito sinceramente, um «muito obrigado» pela sua operosa actividade em prol do torrão algarvio.

L. S. P.

TORNEIO POPULAR DE FUTEBOL

Inicia-se no próximo dia 1 de Abril, o Torneio Popular de Futebol de 1961, que tem 14 jornadas, divididas em duas voltas. A este torneio concorrem os seguintes grupos:

- «Os Gráficos»
- «O Celeiro»
- «Beira-Mar» (de Monte Gordo)
- «Vasco da Gama» (das Hortas)
- «Sporting de Vila Real»
- «Naval»
- «Lazareto»

A prova é organizada por uma comissão de seis elementos, com o patrocínio do Lusitano F. C. Só podem entrar neste torneio jogadores com o máximo de 25 anos, feitos durante 1961.

PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.ª VILA NOVA de GAIA



CARTONAGENS

TODA UMA GRANDE VARIEDADE DE CARTONAGENS EXECUTADAS EM MÁQUINAS TOTALMENTE AUTOMÁTICAS

ESTUDAM-SE PROJECTOS E EXECUTAM-SE MAQUETES
TIPOGRAFIA SOCORRO
ARTES GRÁFICAS DESDE 1891
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

© FATALISMO NA OBRA DE MORÁVIA

(Conclusão da 1.ª página)

pouco ou nada contam, quando o escritor consegue dar-nos a verossimilhança das situações e dos tipos e se liberta assim de ideias preconcebidas e dos prejuízos que só poderiam tolher e afectar a sua obra. Nem o freudismo é já considerado uma pestilência, nem nenhum mal vem ao escritor pelo facto de estudar Freud, ou tentar penetrar em qualquer outro campo que transcenda o mero campo da literatura de ficção. Quanto mais culto, mais bem informado for o escritor em melhores condições se encontrará para aprofundar e dominar a realidade. Ora, Morávia não é um romancista que se empenhe em dar-nos receitas, ou a pregar-nos axiomas extraídos de brevíários, por mais respeitáveis que sejam esses brevíários. Não. O real interesse da obra de Morávia reside precisamente na fidelidade à vida, no conhecimento exacto da nossa época, na sua adesão apaixonada aos problemas que preocupam e angustiam os homens e mulheres do nosso tempo.

Nos romances de Morávia o fatalismo, o acaso, jogam papel de primordial importância na existência humana. E nós perguntamos se isso constituirá um defeito, uma limitação em Morávia ou se, realmente, isso não representará antes um testemunho de fidelidade do romancista às circunstâncias que envolvem a vida dos seres humanos nos nossos dias? Em Morávia nada é gratuito. O acto aleatório, fortuito, o gesto inconsciente, as palavras proferidas sem visível intenção, tudo isto está carregado de consequências, todos estes gestos, todas estas palavras que tecem a vida do quotidiano de cada pessoa estão preenchidos das mais graves consequências. As personagens de Morávia só muito raramente atingem a felicidade, mesmo nos transe em que a comunhão parece ser perfeita, mesmo no amor, surge sempre qualquer coisa de insólito a obscurecer essa felicidade.

A incapacidade de amar, a incapacidade que Stendhal emprestou ao Julião Sorel do «Vermelho e Negro» que, mesmo nos braços da senhora Renal, não podia deixar de pensar, generalizou-se em drama geral na obra de Morávia. As palavras nas personagens de Morávia têm quase sempre um sentido ambíguo, não pelo facto, efectivamente, das pessoas terem a preocupação de mentir, mas são impedidas a fazê-lo indo assim ao encontro de solicitações pouco claras, de reservas mais ou menos ocultas, dum instinto de defesa pessoal. Nos romances do autor de «O Tempo da Indiferença» as personagens, mesmo quando se confessam amigas, comportam-se realmente como inimigas.

Basta pensarmos na mãe de Adriana, a protagonista de «A Romana», que através dos seus constantes discursos sobre a riqueza e a pobreza, concorre embora dum maneira indirecta para o destino da filha; basta pensarmos nos seus arrazoados, na filosofia pragmática e ingénua dessa pobre mulher para verificarmos o abismo que se cava entre as intenções, as palavras e a realidade dos factos. Conhecedora dos últimos passos de Adriana agora a mãe lamenta-se, revolta-se, insurge-se contra a filha e contra ela própria. O programa idealizado não se cumpria; a vida matara o sonho. Não era Adriana a realizar o seu destino, era o destino a moldar a sua vida por caminhos que ela não escolhera. As palavras finais do romance «A Romana», apesar do seu acentuado tom melodramático, são bem claras da afirmação desse fatalismo tão evidente em toda a obra do escritor italiano.

Eu pensei em Mino e pensei no meu filho. Pensava que ele seria um filho dum assassino e dum prostituta; mas a qualquer homem do mundo pode acontecer matar alguém e a qualquer mulher vender-se por dinheiro; o que verdadeiramente interessava era que tivesse um bom nascimento e crescesse forte e saudável.

Num dos romances de Morávia «Fantasma ao Meio dia», todo o imbróglio parte dum simples mal-entendido entre duas pessoas. Trata-se dum encontro dum casal com um outro indivíduo. O marido é um intelectual, e se bem me recordo, desempregado no mo-

mento do encontro; o outro é um empresário, um industrial do cinema. Este último vem num carro, um desses carros que apenas possuem dois lugares. O empresário convida-os, mas surge uma dificuldade, apenas pode levar um deles no carro. Trava-se discussão entre os dois cônjuges. Finalmente, é a mulher contra a sua evidente má vontade que acompanha o industrial. Pois, este simples facto constitui a chave de todos os acontecimentos posteriores e de todo o comportamento da mulher. O marido nota mais tarde que as relações conjugais sofreram bruscas modificações, procura indagar as razões, os motivos, as causas de tal comportamento. Só nas últimas páginas vem a revelação: a mulher convencer-se que o marido pretendia arrastá-la, desde o acontecimento do carro, para os braços do outro, procurando com esse gesto tirar possíveis vantagens económicas do industrial. Digam-se de passagem que o romance está magistralmente gizado, mas seria um erro ver unicamente na técnica romanesca de Morávia a busca de fáceis habilidades literárias, da exploração dos cordelinhos para atingir os efeitos desejados. Incontestavelmente Morávia é um homem conhecedor do seu ofício, mas façamos-lhe a justiça de o não considerarmos um simples habilidoso. Se o pretendermos compreender teremos que descer ao âmago das suas personagens, discernir a profundidade dos seus sentimentos e acções e buscar a explicação das forças dos impulsos que motivam essas acções e sentimentos.

Como vemos o freudismo é incapaz de explicar todo o Morávia. Há nas suas obras demasiada riqueza humana, caracteres desenhados que fogem à explicação simplória de repositório de manual; há, principalmente, vida estuante e contraditória arrancada à realidade viva e dramática dos nossos dias — e a apreensão da vida é, quanto a nós, a mais valiosa bitola para se avaliar do valor dum romancista.

Rodrigues Pena

Visado pela Comissão de Censura

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE EM COIMBRA
na Tabacaria Ilda & C.ª, Lda.
L. da Portagem, 35

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

CHÁVENAS de café

QUASE AMARGO

Pelo dr. CRUZ MALPIQUE

Primeiro viver...

Primeiro viver, e depois filosofar.

Isto se diz habitualmente em latim, e nós o dizemos em português. E costuma dar-se à frase um sentido irónico.

Justa a ironia? Parecem-nos que injusta. Com efeito, toda a filosofia corre o risco de ser desmiolada, carecida de densidade interior, se não vier na sequência de vivências profundas, dramáticas umas, trágicas outras. Filosofia que não se alicerce na vida é tricot literário de vocabulário difícil, mas nada mais é. Fica-nos sempre curto nas mangas aquilo que dizemos e não vivemos — ou aquilo que apenas vivemos periféricamente.

Filosofar, no autêntico sentido desta palavra, é conhecer desde o interior, é praticar a intuição (de intuitus + ire), é fazer a descida da superfície de nós mesmos ao nosso interior, é encontrar-mo-nos conosco. Mas quem se poderá encontrar, se apenas tiver vivido perfeitamente, sem trepidação ontológica, sem as fortes contusões da vida?

Saudações e... civilizações

Os gregos, ao fazerem a sua saudação, diziam: «Alegra-te!» Os romanos, esses diziam: «Passe bem!»

Dois tipos de saudação — dois tipos de civilização. Além, a euforia espiritual. Aqui, a saúde. Além uma concepção essencialmente estética da vida. Aqui, uma concepção, sobretudo utilitária, dessa mesma vida. No signo helénico, a atitude da gratuidade desinteressada, voltada principalmente para os prazeres inefáveis. No signo latino, a atitude pragmatista dos interesses imediatos e de feição quantitativa.

(Conclusão da 1.ª página)

provincia, tenho sabido, dentro das minhas escassas possibilidades literárias, elevar, sempre que possível, o nome do meu rincão aos olhos tanto de estranhos como dos próprios algarvios, quer através das minhas pobres e descoloridas aguarelas poéticas, quer da minha fraca prosa mas sempre sincera e pura de filho do campo, um desses muitos que nunca frequentaram a escola, que sabem sentir o que lhes vai na alma.

Por este motivo, embora com algumas falhas próprias da minha parca cultura, tentarei enumerar as razões, esclarecer aquilo que, quanto a mim, considero a causa principal deste tempo perdido perante tão magno problema, do desinteresse votado a uma obra que, fira quem ferir, (se acaso ferir alguém, involuntariamente) já devia estar de há muito erguida aos olhos de todos — quer de algarvios como de es-

Colónias Balneares

(Conclusão da 1.ª página)

Colónias Balneares não sejam absolutamente necessárias para as crianças a quem os ares marítimos são preciosos.

E' pena que se não conjuguem esforços individuais ou colectivos para se poder dar às crianças o ar de que bem carecem e até a alimentação que nesses dias é mais abundante e sãdia e as robustece.

Sirva também de exemplo para quem se queira dedicar a estas obras de bem-fazer a acção inteligente e decidida do presidente da Câmara Municipal de Alcoutim, sr. Artur de Moura, que há dois anos mantém na vizinha praia de Monte Gordo, uma Colónia bem instalada e bem alimentada, disso podemos dar pessoal testemunho por conhecimento directo, de cerca de 300 crianças em 4 turnos por época.

Monte Gordo tem para estas colónias condições privilegiadas, pois além de praia grande, limpa e de mar remansoso, possui uma mata frondosa e balsâmica onde as crianças passam o tempo que lhes sobra da praia.

Mais antiga e também a Monte Gordo vem anualmente uma colónia do concelho de Mértola, cremos que esta por iniciativa e contribuição particular. Ouvimos dizer que por falta de instalações apropriadas vai ser extinta. E é uma pena.

As crianças devem merecer-nos todo o cuidado pois são o mais rico património da Nação, e alargando o âmbito, da Humanidade. Assistir-lhes é dever que a todos se impõe, principalmente aos que melhor possam por seus bens materiais e incitá-los a essa tarefa foi o motivo primordial que nos levou a escrever estas linhas.

Tiago Lins

trangeiros! — por se tratar de uma dívida que se vai pagar já com bastante atraso.

Porque, sendo o Algarve uma das provincias de Portugal mais privilegiadas quer de sol, quer de paisagens, bem merecia que tudo se fizesse pela sua grandeza aos olhos do mundo inteiro. Mas se assim não acontece, como era desejo de todos os verdadeiros algarvios, o facto deve-se a muitos dos seus filhos a terem votado ao esquecimento, uns por desleixo, outros por se terem ausentado do seu seio. Bem haja os que, nada lhe devendo que não seja o recrear do espirito diante de tanta beleza e encanto, por um dever de justiça a têm coicocado no seu justo e merecido pedestal, uns através da paleta, outros através da rima e da prosa de fino recorte literário!

Aliado ainda ao facto dos que a esquecem, temos outro factor não menos importante, como seja o de, na maioria das vezes, terem

estado à frente dos seus destinos, filhos de outras regiões que, embora a tenham engrandecido e admirado, não lhe têm podido dar aquele amor e carinho próprios de um filho legítimo!

São estes, quanto a mim, os factores principais da dívida ainda a estar por saldar. Pois se, em vez de estranhos, os seus naturais maiores, que os há, não engetassem o seu berço, se estes últimos estivessem dispostos a trabalhar pelo engrandecimento da sua provincia, se estivessem dispostos a dar-lhe o carinho e amor que a nossa risonha terra merece, não seria de Lisboa, mas sim do próprio Algarve, que partiriam as suas grandes iniciativas.

Se assim tivesse sido, não se ouviriam constantemente respostas como estas:

— É verdade, já devíamos ter feito isto... Aquilo já deveria estar pronto.

Portanto, o caso da construção do Jardim-Escola João de Deus em Faro exige presenças, e não paleativos. Que todos aqueles que se prezam de ter nascido neste belo recanto estejam presentes nesta obra, para que no dia 8 de Março de 1962, à luz deste magnífico sol algarvio a memória do grande pedagogo João de Deus, o mestre da Cartilha Maternal e poeta dos maiores no campo do lirismo, possa ser admirada e realçada nesta útil e admirável realização que são os Jardins-Escolas que têm o seu nome!

Só assim, cada um cumprindo o seu sagrado dever de filho deste Algarve sempre verdejante e florido, a obra a erguer poderá ter a projecção que merece. Só assim, embora tardiamente, poderemos pagar esta tamanha dívida de gratidão a um dos nossos filhos mais ilustres no campo das letras e da pedagogia, gesto que nos encherá de vaidade e orgulho!

Portanto, que todos os algarvios, ausentes e presentes, pequenos e grandes, respondam, com entusiasmo e fé no futuro: Presentes!

Que, depois deste grito, a obra seja uma realidade para breve. E, perante essa realidade, que a nossa alegria seja a letra de um hino que ecoe por todos os recantos do Algarve, com projecção em todo o mundo onde haja portugueses, uma vez que o Algarve é uma das parcelas mais ricas de belezas naturais deste nosso lindo Portugal!

J. Santos Stockler

O SR. GOVERNADOR CIVIL DE FARO VISITOU CASTRO MARIM

(Conclusão da 1.ª página)

da freguesia, autoridades administrativas, militares e pessoas do melhor meio social.

Após os cumprimentos de boas-vindas, organizou-se um cortejo, que se dirigiu até às ruínas da igreja, que foram visitadas demoradamente. A seguir, teve lugar no salão nobre da Câmara Municipal uma reunião, na qual foi estudada a melhor maneira de poder ser restaurado esse templo. O salão nobre estava repleto de assistentes, que se entusiasmaram pelo motivo de tão honrosa visita. O senhor Governador Civil ofereceu todo o seu préstimo em favor da restauração dessa igreja, tendo manifestado o desejo de que a restauração se faça nos moldes primitivos. Estes são, aliás, os desejos de todos os castro-marinenses.

Foi nomeada uma «comissão de honra», da qual fazem parte os senhores: dr. António Baptista Coelho, Governador Civil de Faro, dr. José Ascenso, presidente da União Nacional Distrital de Faro, capitão Lino Antunes Vaz Palma, presidente do Município, e juiz-conselheiro dr. João Bernardino de Sousa Carvalho.

se fuma... experimente o novo

3510

NOVA MISTURA DE TABACOS EXCELENTES

dará por melhor empregado o seu dinheiro

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS